

CARROCEIRO: EU NÃO QUERO SER!

Daniela Gebelucha¹

danigebelucha@yahoo.com.br

Ao entardecer de um dia de muito calor, via o cansaço de meu pai dirigindo aquele carro de bois carregado de espigas de milho. Os bois, Barroso e Marmelo, fatigados, em passos lentos e ofegantes, puxavam a carroça.

Sentado em cima das espigas de milho, eu olhava o caminho percorrido, os rastros das rodas marcavam aquela estrada de chão. E quando olhava para frente, via meu pai, com a camisa desabotoada e suada, seu boné esborrachado, seus olhos esbugalhados, que contemplavam calmamente a paisagem campestre. Tentava imaginar o que se passava na cabeça daquele homem que eu tanto admirava, seu pensamento parecia distante.

Até que... um estouro! Vi a chapa da roda frontal saltar longe e a roda de madeira quebrar-se.

Os bois assustaram-se, o pai gritou:

– Segura o breque!

Naquele mesmo instante pulei da carroça e segurei firme o breque, até que papai acalmasse Barroso e Marmelo. Após acalmá-los, olhou calmamente aquela roda quebrada, não teve solução, eu o observava em silêncio e via a tristeza em seus olhos.

Então, disse-me:

– Filho, já volto com a lona para cobrir a carroça, pois, se chover, não perderemos o trato para os animais.

Assenti, fazendo sinal com a cabeça. Via meu pai nervoso, mas não quis preocupar-me.

Enquanto ele levava os bois para o potreiro, fiquei na carroça, pensando em quando eu crescesse, fosse um homem como meu pai e tivesse filhos para cuidar.

Aproximava-se o anoitecer, o medo e a imaginação afluíam à minha mente; ouvia barulhos da natureza, sentia-me tenso, mas continuava ali. O canto dos grilos e das cigarras se manifestava.

Vi meu pai chegando, senti um alívio nas pernas e meu coração voltou a bater compassado.

¹ Escritora e aluna do Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Estendemos a lona em cima da carroça e amarramo-la. A brisa fria já podia ser sentida. Peguei na mão do meu pai e seguimos andando pela estrada, rumo a nossa casa.

Naquele silêncio mortal, só os animais faziam a melodia da despedida do dia. Olhei para meu pai e disse:

– Pai!

Ele respondeu:

– O que foi, guri?

Senti uma leve dor na barriga, minhas mãos começavam a suar frio, não sabia qual seria a reação dele diante da minha declaração. Criei coragem e falei:

– Pai, quando eu crescer, carroceiro eu não quero ser!

Ele parou, o silêncio embriagou aquele momento. Abaixou-se, então seus olhos olharam os meus. Seus olhos encheram-se de lágrimas, que rolavam sobre aquele rosto já com algumas rugas, e sumiam naquela barba desleixada. Sua voz saiu rouca, misturada com as lágrimas que não cessavam.

– Filho, seja o que você quiser ser! Eu sou carroceiro, porque não tive oportunidade de escolha. Você tem!

– Pai, eu quero ser escritor e um dia contar sua história com todo o meu amor!

Meu pai engasgou-se naquele choro e abraçou-me emocionado!